

## O POETA E OS PARNASIANOS

Ubiratan Machado

Em 1893, quando Cruz e Sousa publica *Missal e Broquéis*, as hostilidades entre parnasianos e simbolistas estavam no auge. As galhofas, insultos e provocações cruzavam-se pela imprensa como serpentinas num baile carnavalesco. A guerrinha se formalizara dois anos antes, mas até que os novos, por diversas vezes, tentaram se aproximar de Bilac & Cia. que, além de se manterem refestelados no Parnaso, sem admitir estranhos no ninho, detinham um rigoroso controle no acesso às principais publicações cariocas.

Essa intransigência acabou minando o entusiasmo ainda meio sôfrego dos rapazes, que passaram a ver nos discípulos de Leconte de Lisle e Heredia apenas umas múmias de fraque e cartola, insistindo numa tecla poética fedendo a carniça. Que lhes restava fazer? Taparam o nariz e cerraram fileiras para atacar os deuses. A princípio, com alguma discrição, nas conversas do grupo, nas confeitarias ou nas livrarias, quando viam os *inimigos*, solenes e hieráticos como um soneto parnasiano, fumando numa mesa da Colombo ou numa poltrona da Casa Garnier, aureolados de fumaça e adulação. Em suas memórias, Luís Edmundo conta qual era, nestas circunstâncias, a reação dos rapazes: "Lá está o bestalhão do Alberto de Oliveira a sorrir. Será de nós?". Ao que outro acrescentava: "E a toupeira do Sílvio Romero a achar-lhe graça"<sup>1</sup>. Com a abertura das colunas da *Revista Ilustrada* e do *Novidades*, jornal decadente, fundado por Alcindo Guanabara, mas cujo título vinha a calhar, os novos passaram a ter uma vitrina para expor as suas obras e uma tribuna para defender

a nova estética e contra-atacar os adversários. Não se fizeram de rogados.

A tribuna serviu a muito ataque, tanto mais agressivo quanto maior era o desprezo do atacado pelos cavaleiros do símbolo. Entre as carcaças preferidas para serem espancadas estavam as de Luís Murat e Valentim Magalhães, talvez os defensores mais intolerantes do parnasianismo. O mais grave, porém, foi o fato de Cruz e Sousa, que nunca atacou ninguém, ter se tornado alvo predileto dos inimigos dos novos. Havia racismo nesta atitude? Provável. Mas, o que existia, sobretudo, era um mal disfarçado toque de inveja pelo brilho de um talento que se impunha com uma voz personalíssima, afirmando-se ante seus pares como um jovem mestre. Acrescente-se a intransigência de Cruz e Sousa na defesa de suas convicções, despertando prevenções gratuitas e até episódios cômicos. Certa ocasião, ele trabalhava como repórter da *Cidade do Rio*, quando foi incumbido de cobrir um incêndio. Redigido o texto, escolheu o título: *Pavoroso Incêndio*. Por infelicidade ou brincadeira, no dia seguinte saiu *Vaporoso Incêndio*. O secretário do jornal, conhecendo o gosto do rapaz pela adjetivação insólita, ficou furioso, suspendendo-o por alguns dias.

Um exemplo de hostilidade gratuita foi a de José do Patrocínio. Em certa ocasião, ele conversava com Guimarães Passos, quando este foi cumprimentado por Cruz e Sousa, que passava. “Quem é este negro?”, indagou Patrocínio. E ao saber quem era, fixando o olhar no paletó preto do poeta, que de tão gasto ia ganhando tonalidades esverdeadas, afirmou maldosamente: “E ainda dizem que este rapaz não é uma esperança da pátria”. Mais tarde, Araújo Figueiredo testemunhou o grande jornalista declarar no tom apaixonado que lhe era característico, referindo-se ao poeta catarinense: “Eu não consinto que haja outro negro no Brasil que me iguale”.

Neste ambiente, o editor Domingos de Magalhães lançou *Missal*, em fevereiro, e *Broquéis*, em agosto, anunciados respectivamente como “artístico livro de contos” e “mimoso livro de versos”, ambos vendidos a 3\$000 a brochura e 4\$ encadernado. A palavra da crítica oficial foi dura, áspera, ferina, contrastando com o incensório promovido pelos amigos do poeta.

O que mais doeu ao poeta, porém, não foram as críticas, mas os ataques pessoais, uma metralha implacável vinda das trincheiras parnasianas, carregada de veneno e de racismo. Como exemplo, podemos lembrar a primeira quadra do soneto *Broquel*, que trazia como subtítulo (Sousa e Cruz): “Espiritualizante manipanço / Gerado nos confins de Moçambique, / Acaba de passar n’Arte um debique, /

sonoramente, em mórbido balanço”. Não é o caso de lembrá-los aqui. Quem quiser basta consultar o capítulo “A Batalha do Simbolismo” do livro *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*, de R. Magalhães Júnior.

Os insultos feriram ainda mais o poeta devido à difícil situação que atravessava, de quase penúria financeira, que se agravou com o casamento com Gavita, realizado a 9 de novembro, com a mulher já grávida. Procurando manter a dignidade, atitude que lhe era tão peculiar, Cruz recorre a diversos amigos e conhecidos, em busca de um auxílio que lhe permitisse superar o momento difícil. Alguns se esquivam, como Gama Rosa. Outros, como Martins Júnior, colaboram de acordo com as suas possibilidades. A quantas pessoas teria escrito? A muitas, por certo. Uma delas foi Luís Delfino a quem, dez dias depois de casado, Cruz dirige uma carta desesperada e direta, sem procurar atenuar a sua situação aflitiva.

Delfino era então o catarinense de maior prestígio no País, sendo um caso raro do poeta rico. Proveniente de família modesta, tendo chegado ao Rio de Janeiro adolescente, com uma mão na frente e outra atrás, tornou-se médico de grande clínica, poeta de renome e senador à primeira Constituinte, caracterizando-se pela combatividade. Hábil administrador de suas finanças e de sua reputação literária, sabia conciliar, como nenhum contemporâneo, a arte de poetar com a arte de enriquecer.

Apesar da situação momentânea de inferioridade, convém lembrar que, pelo menos neste caso, o solicitado devia favor ao solicitante. No final de 1889, aspirando eleger-se senador por Santa Catarina, Delfino recorre ao auxílio de Oscar Rosas. É que, afastado há muitos anos de sua terra, encontrava uma forte oposição dos políticos locais. Solícito, Rosas escreve a Cruz, então redator de *A Tribuna*, para que semeasse discretamente a idéia da candidatura Delfino. “Ele mesmo me lembrou o teu nome para pedir o que te peço, e não te fazendo ele esse pedido por decoro”, escreve Rosas<sup>2</sup>. Esse favor talvez ainda não tivesse sido pago. Era uma boa ocasião para fazê-lo.

Fixando-se no Rio de Janeiro em 1891, o poeta negro manteve alguns contatos com o conterrâneo ilustre, com certeza pouco freqüentes, a julgar pela posição social de ambos e a diferença de idades. Em suas memórias, Andrade Muricy diz que o grupo de jovens escritores catarinenses que vivia no Rio, — Virgílio Várzea, Oscar Rosas, Cruz e Sousa, — “adoravam e veneravam Delfino”<sup>3</sup>, que costumava recitar-lhes os seus poemas e lhes fazer confidências, claro que de sabor literário. Essas informações, transmitidas ao memorialista por Nestor Vitor, nada revelam do grau de intimidade

entre o quase sessentão Delfino, freqüentador dos salões mais ricos da sociedade carioca, e o jovem e paupérrimo Cruz. Seja como for, a situação deste era tão trágica, naqueles dias, que o sentimento de humilhação parece ter sido sufocado, como sugere a carta seguinte, inédita, dirigida a Delfino:

Capital Federal, 19 de Novembro de 1893.

Ilustre Poeta Amigo.

Com os cumprimentos de estima e consideração que lhe apresento, tomo novamente a liberdade de importuná-lo com relação ao pedido que tive necessidade de fazer-lhe por carta. Uma vez que se não dignou responder-me, peço-lhe ainda, apelando para os seus generosos sentimentos de homem, que me sirva, já não direi com a quantia de 300\$000 Réis, como lhe pedi, mas ao menos com a metade ou mesmo com 100\$000 réis, pois é bem dolorosa a minha situação neste momento.

Peço-lhe que mesmo em sentido negativo, resolva com urgência este bastante difícil pedido.

Seu admirador e am<sup>o</sup>  
Cruz e Sousa.

Tudo indica a resistência do conterrâneo rico em atender ao “difícil pedido”. Apesar de sua invejável situação financeira, Delfino praticava religiosamente a filosofia do tostão poupado, tostão ganho, qualquer que fosse a circunstância. Pródigo em versos, tendo composto mais de mil poemas, alguns de extensão considerável, era de uma parcimônia extrema em tudo que envolvesse dinheiro. Valentim Magalhães, grande admirador do poeta e freqüentador assíduo de sua casa, referiu-se maliciosamente à sua sovínice. Teria aberto a mão, nesta circunstância? Talvez nunca saibamos.

Mas, podemos saber o que representava naquele final de 1893, com o País governado pela mão de ferro de Floriano Peixoto, a quantia de 300\$000. Aliás, pouco depois da carta dirigida a Delfino, Cruz consegue uma vaga nos escritórios da Estrada de Ferro Central do Brasil. O salário de 250\$000.

Para se ter uma idéia do custo de vida na época, levantamos alguns preços de produtos e mercadorias no Rio de Janeiro, no segundo semestre de 1893. Uma loja em liquidação oferecia ternos de casimira a 60\$000 e calças do mesmo tecido de 15\$ a 20\$. Chapéu

para homem: os mais baratos, de palha, ficavam entre 2\$500 e 7\$; os chapéus do Chile entre 5\$ e 12\$ e os mais caros, de castor inglês, de 10\$ a 18\$. Gravatas podiam ser compradas a partir de 700 réis. Um enxoval completo de noiva, que Gavita não chegou a usar, saía por 100\$.

O aluguel de um quarto humilde ia de 25\$ a 35\$. Vários particulares ofereciam pensão, entregue na casa do freguês, por 60\$ mensais. Preço de alguns gêneros alimentícios: arroz agulha 320 réis o litro; feijão preto, 280 réis o litro; vidro de sal, 940 réis; farinha, 300 réis o litro; ervilhas, 300 réis o litro; batata de Lisboa, 240 réis o quilo; carne seca, 800 réis o quilo; lingüiça, 1\$800 o quilo; vidro de vinagre, 280 réis; queijo de Minas, 1\$800 a 2\$; lata de banha de 2 kg, 3\$300; tomate, 400 réis o quilo; lata de goiabada grande 1\$600; café em grão, 1\$400 o quilo.

Com a situação cada vez mais instável, sem encontrar editor, Cruz e Sousa nada mais publica em vida. Mas, continua escrevendo, sem fazer concessões e sem cortejar os parnasianos em evidência, fraqueza de vários de seus amigos. Estes fatos foram decisivos para que a avaliação de sua obra, procedida pela geração parnasiana, persistisse durante longos anos como uma espécie de pensamento oficial da crítica brasileira. O tom foi mais ou menos o dado por Valentim Magalhães em *A Literatura Brasileira*, publicado em Portugal, em 1896. Referindo-se a Oscar Rosas e a Cruz e Sousa liquida a questão confessando a sua dúvida em classificá-los como “decadista, simbolista, nefelibata, ou que melhor nome tenham os escritores que fazem timbre em escrever de modo a não serem entendidos”. Mais nada.

Apesar da indiferença da crítica nacional, Cruz e Sousa iria encontrar uma inesperada receptividade na Argentina. Tendo visitado o Brasil nos últimos anos do século XIX, o escritor Ricardo Jaimes Freyre ficou deslumbrado com a descoberta do poeta e, sobretudo, com a prosa das *Evocações*, livro que acabava de ser publicado. O entusiasmo subiu a tal ponto que, no dia 28 de agosto de 1899, no Ateneu, de Buenos Aires, Freyre pronunciou uma longa conferência sobre o poeta brasileiro, apresentando-o como uma figura ímpar e uma das grandes vozes poéticas do continente: “Buscariase en vano en las letras brasileñas y en las portuguesas, los antepasados intelectuales del artista de los *Broqués*”. Sua obra poderia lembrar, talvez, a de Baudelaire, de Villiers de l’Isle Adam, de Poe ou de Swinburne, “pero Cruz y Sousa solamente os recordaria a estos artistas, tan grandes y tan distintos, porque su obra le pertenece, como concepción y como ejecución; es suya; lo caracteriza y lo revela.”

No Brasil, excetuada a fidelidade dos amigos, a obra do poeta continuaria ou esquecida ou implacavelmente desancada. Num folheto publicado em 1915, em homenagem a Félix Pacheco, Luís Murat gasta um bom número de páginas empanado em arrasar Cruz e Sousa, um dos ídolos da juventude de seu homenageado. Negando qualquer valor à obra do poeta negro, “tão comum, que não valia a pena gastar tempo com ela”, trata-o como se ele já estivesse mergulhado no esquecimento.

Para o crítico, palmatória em punho, não se salvava um verso de Cruz, poeta sem filosofia, que não apresentava “um só conceito, que é a filosofia do verso”. “Ao demais, onde estão as imagens; onde a força representativa da idéia, o gênio lírico?” E arrasador: “São sempre idênticas as paisagens de Cruz e Sousa. Um vocabulário pobre, uma combinação superficial de acordes que não nos enternecem nem revela os segredos do mundo que ele anela, mas teme”. Como se não bastasse, demonstrando a persistência de antigos ressentimentos, condena com veemência o homem:

Era um decadente pelo enfraquecimento e a perversão da vitalidade. Não soube resistir à invasão de inimigos que fizeram dele um brinquedo de suas zombarias, levantando-o no orgulho cego dos seus dons imagináveis para a cada momento deprimi-lo como um escravo. A obsessão da cor matava-o, e, sem sentir a satisfação dos que revêm a glória nas dores do presente, no castigo das feições decompostas, irava-se ou plangia em sonetos vulgares.

A revalorização se iniciaria a partir de 1923, com a publicação das obras completas, culminando 20 anos depois com os admiráveis estudos de Roger Bastide. O poeta começava a encontrar o seu verdadeiro lugar na literatura universal.

## Notas

- 1 Luís Edmundo. *De um livro de Memórias*. Rio de Janeiro, 1958, volume II, p.540.
- 2 Ubiratan Machado. *Vida de Luís Delfino*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984. p.143.
- 3 Andrade Muricy. *O Símbolo à Sombra das Araucárias*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976. p.113.